

A ARTE-SACRA INDIANA NA DINASTIA GUPTA

GUPTA DYNASTY SACRED INDIAN ART

Paulo Ferreira Cavalcante¹
Maria Lucia Abaurre Gnerre²

RESUMO

Neste artigo, propomo-nos a apresentar e analisar o contexto histórico e as representações artísticas relacionadas ao sagrado do período Gupta. Este reino foi fundado por Chandra Gupta I, estima-se que no ano 3020 d.C. Posteriormente tornando-se império estendeu-se por grande parte do subcontinente indiano, onde várias cidades foram erigidas e avanços ocorreram principalmente na arte e literatura. Na sociedade preponderaram os sistemas das quatro varnas ou castas e verificamos uma forte presença do budismo. Esta é uma era conhecida como sendo de ouro. A arte deste período é classificada como clássica. A principal escola representante da arte Gupta foi a de Mathura, destacando-se pelo primor na técnica de estatuária com imagens belíssimas de Buda.

Palavras-chave: Arte-sacra. Gupta. Mathura. Budismo.

ABSTRACT

In this article, we propose to present and analyze the historical context and artistic representations related to the sacred Gupta period. This kingdom was founded by Chandra Gupta I, it is estimated that in the year 3020 A.D. Later becoming the empire extended over much of the Indian subcontinent, where several cities were erected and advances occurred mainly in art and literature. In society predominated systems of the four varnas, or castes and found a strong presence of Buddhism. This is an era known as gold. The art of this period is classified as classical. The main representative of the school was the Gupta art of Mathura, highlighting the perfection in technique with beautiful statues of Buddha images.

Keywords: Sacred art. Gupta. Mathura. Buddhism.

¹Acadêmico em Ciências das Religiões pela UFPB. Membro do GP Padma.

Contato: paulocavalcantecrufpb@gmail.com

²Pós-doutora em Ciência da Religião pela UFJF. Doutora e mestre em História pela UNICAMP.

Líder do GP Padma. Contato: marialucia.ufpb@gmail.com

INTRODUÇÃO

Tanto o início do período Gupta quanto a sua queda ainda são muito discutidas pelos historiadores, mas a maioria defende que as origens do mesmo situa-se no século IV d.C. É interessante notarmos que a sua ascensão e o seu declínio ocorreram concomitantemente com a história do Império Romano. As principais fontes que permitiram deixar o seu legado através da História para a posteridade, segundo a indóloga Marília Albanese, são devidas principalmente ao peregrino chinês Fa-hsien.

Segundo vários estudiosos desse período, os integrantes do Império Gupta eram formados pela varna dos vaishya. Segundo Roger Boesche, as pessoas que faziam parte dessa varna trabalhavam com a “agricultura e criação de gado, mas com o tempo eles chegaram a ser proprietários de terra, comerciantes e banqueiros” (BOESHE, 2002, p.24). Também o historiador e arqueólogo Anant Sadashiv Altekar, considerou os Guptas como fazendo parte da varna dos Vaishya, tendo como base antigos textos indianos sobre a lei ou dharma, que utilizam-se do termo Gupta para um membro dessa varna.

Conforme o historiador Michael C. Brannigan, a expansão do Império Gupta foi uma das contravenções mais capitais do sistema de varnas na Índia antiga. O historiador Ram Sharan Sharma corrobora para essa afirmação quando diz que a dinastia gupta "apareceu como uma reação contra governantes opressores" (SHARMA, 2003, p. 69).

As origens da dinastia Gupta está ligada a Sri Gupta. Historiadores hodiernos, como Jayaswa e Bandyopadhyay, teorizam que ele e seu filho foram possivelmente feudatários dos Kushans. Ghatotkacha, seu filho e sucessor, governou possivelmente a partir de 280 d.C até 319 d.C “um pequeno senhorio nas proximidades de Allahabad ou de Varanasi” (ALBANESE, 2006, p. 36). Os historiadores divergem quanto a genealogia de Chandragupta I, que é considerado sobrinho ou filho de Ghatotkacha.

É com seu sobrinho Chandragupta I que a história se torna menos nebulosa: as moedas cunhadas celebram o casamento do novo soberano com Kumaradevi, da antiga e gloriosa estirpe dos Licchavi, que controlavam boa parte do norte de Bihar e, segundo alguns especialistas, pertenciam aquele grupo de tribos mongólico-tibetanas pré-arias entre as quais também se incluíam os Shakyas, o clã natal de Buda, tanto por sua antiguidade como por sua pureza, estas castas ocupavam um lugar destacado na hierarquia aristocrática indiana, e o

matrimônio com suas princesas era muito cobiçado, sobretudo por parte de uma dinastia nova e desejosa de adquirir carisma. Assim, pois, a era gupta se inicia no ano 320 d.C. provável data das núpcias de Chandragupta I com Kumaradevi. (ALBANESE, 2006, p. 36).

Consideramos que a união matrimonial de Chandragupta I com Kumaradevi, a princesa Licchavi, estirpe essa considerada de principal potência no reino de Magadha, foi muito exitosa para ele começar a expandir o seu poder. Recebendo como dote de casamento por parte da princesa o reino já citado, ele também foi conquistando grande parte de Saketa e Prayaga. Ele estabeleceu um reino que se englobava desde o rio Ganges até Prayaga.

Abaixo imagem de uma das moedas, que se encontra exposta no museu britânico, relatada por Albanese.



Figura 1: Rainha e Rei Kumaradevi Chandragupta I, retratado em uma moeda de seu filho Samudragupta, 335-380 d.C.

Dessa forma inaugurou-se na Índia, uma nova era, considerada sendo a de ouro, o período clássico da história do país. Conforme Massoni, sendo considerado o “segundo grande império após o dos mauria. O governo gupta caracterizou-se pela política expansionista, conduzida em parte mediante audazes campanhas de conquista pela imposição de obrigações tributárias por parte dos reinos anexados, consequentemente arrecadando grandes riquezas” (Massoni, 2007, p.26).

Mas foi o filho de Chandragupta I, Samudragupta, grande guerreiro que o sucedeu, que efetivamente expandiu o reino Gupta, transformando-o em Império.

Limitado ao norte pelos senhorios dos Nagas, situados entre o Ganges e o Jumna, a oeste pelas satrapias ocidentais, ao sul pela dinastia Vakataka do Decão setentrional. Samudragupta começou atacando os Nagas e conquistando Pataliputra, que se tornou a capital do império, para depois empreender incursões pelas regiões ocidentais e norte-ocidentais, sem atrever-se ainda a submeter definitivamente aos sátrapas. Obtido o pagamento de tributos por parte de Assam, Bengala e Nepal, Samudragupta avançou pelo Kalinga para o sul, confrontando-se vitoriosamente no rio Krishna com uma coalizão dirigida pelo rei Vishnugopa, dos Pallavas de Kancipuram. (ALBANESE, 2006, p.36).

O soberano Samudragupta impôs o seu poder sobre vários reinos sem retirar os seus governantes, mas restringindo-se a estabelecer a sua autoridade formal. O historiador Vincent Smith descreveu-o como o "Napoleão indiano" (SMITH, 1999, p. 289). O plano do rajamandala ou "fortaleza real" regulava o império gupta, e segundo Albanese "teria condicionado até a formação dos subsequentes reinos medievais: uma região central sob a administração direta do rei, um cinturão de monarquias circundantes que pagavam tributos e cujos membros eram convidados a frequentar a Corte, mas não a acompanhar o soberano em guerra, e finalmente, as regiões habitadas pelas tribos que não estavam completamente subjugadas" (ALBANESE, 2006, p.36).

É evidente que nesse período na Índia também existiam reinos independentes, os quais mantinham relações diplomáticas com os guptas. Samudragupta expandiu cada vez mais os limites do rajamandala com suas campanhas meridionais, viabilizando limites imperiais ao seu reino, e ele celebrava essas conquistas com a celebração do ashvamedha - o ritual antigo de sacrifício do cavalo, que agora era retomado, assim afirmando a sua soberania universal de imperador. Abaixo citamos Eliade como referência sobre esse ritual.

O mais importante e mais célebre ritual védico é o sacrifício do cavalo, o ashvamedha. Ele só podia ser realizado por um rei vitorioso, que adquiria assim a dignidade de soberano universal. Mas os resultados do sacrifício se irradiavam por todo o reino; com efeito, o ashvamedha goza da reputação de purificar as máculas e de assegurar a fecundidade e a prosperidade em todo o país. As cerimônias preliminares se distribuem por um ano inteiro, durante o qual o corcel é deixado em

liberdade com 100 outros cavalos. Quatrocentos jovens cuidam para que ele não se aproxime das éguas. O ritual propriamente dito dura três dias. No segundo dia, após certas cerimônias específicas, numerosos animais domésticos são imolados. Finalmente, o corcel, que doravante encarna o deus Prajapati pronto para sacrificar-se a si mesmo, é sufocado. As quatro rainhas, cada uma acompanhada de cem aias, passam em volta do cadáver, e a esposa principal deita-se ao lado dele; coberta por uma manta, ela simula a união sexual. Durante esse tempo, os sacerdotes e as mulheres trocam gracejos obscenos. Logo que a rainha se põe de pé, o cavalo e as outras vítimas são esquartejados. O terceiro dia encerra outros rituais, e finalmente se distribuem os daksina, honorários aos sacerdotes; estes recebem além disso, as quatro rainhas ou suas aias. (ELIADE, 2010, p.212,213).

Esse ritual também era utilizado com a intenção de uma renovação cosmogônica, para que o cosmo fosse regenerado integralmente, e também para restabelecer as vocações em seu primor.

Samudragupta faleceu em 380 d.C. Os seus feitos são conhecidos através de um texto esculpido numa coluna de Ashoka, um panegírico, exposto em Allahabad, onde se relata as campanhas de conquista do imperador. Abaixo vemos uma moeda exposta no museu britânico, representando Samudragupta.



Figura 2: Moeda de Samudragupta com Garuda no pilar.

O período máximo de esplendor

Chandraguta II, sucessor e filho de Samudraguta, adotou o título de vikramaditya, isto é, sol de grande valor. A obra teatral de Devichandraguta de Vishakhadatta trata sobre ele. É sob o seu reinado que o desenvolvimento cultural atinge o seu ápice e o império se expande cada vez mais. Casando-se com a filha Prabhavatigupta de Rudrasena II, soberano vakataka, alicerçou dessa forma uma capital aliança, venceu os sátrapas do Gujarat, conquistando Ujjain, a capital.

Segundo Massoni “este imperador soube conjugar as campanhas expansionistas de seu pai, Samudragupta, anexou o reino dos saka em Guzerate, compreendidas as estratégicas vias de comunicação e de comércio entre o Sind e a Bacia do Ganges” (Massoni, 2007, p.26). E conforme Albanese “além disso, avançou até o Afeganistão, dando ao império gupta uma extensão que ia de Bengala, no Indo, e dos contrafortes nepaleses ao rio Narmada, abarcando a região de Barygaza, comercialmente importantíssima. Este foi o período de máximo esplendor em todos os campos, a idade de ouro, tão celebrada nos séculos posteriores e até hoje” (ALBANESE, 2006, p.36).

A relação entre os guptas e os vakataka foi muito importante; os primeiros detinham o poder na Índia setentrional, os últimos corroboravam para expandir o ideal da cultura da dinastia hegemônica no centro e no sul do país. Muitos reinos do Sudeste também foram influenciados pelo modo de governar dos guptas, adotando o seu modelo e mantendo relações diplomáticas com os mesmos. Os guptas e os vakatakas unidos reinavam fortemente para além dos limites dos montes Vindhya. Abaixo observamos o mapa da Índia por volta de 400 d.C. com o domínio do império gupta.

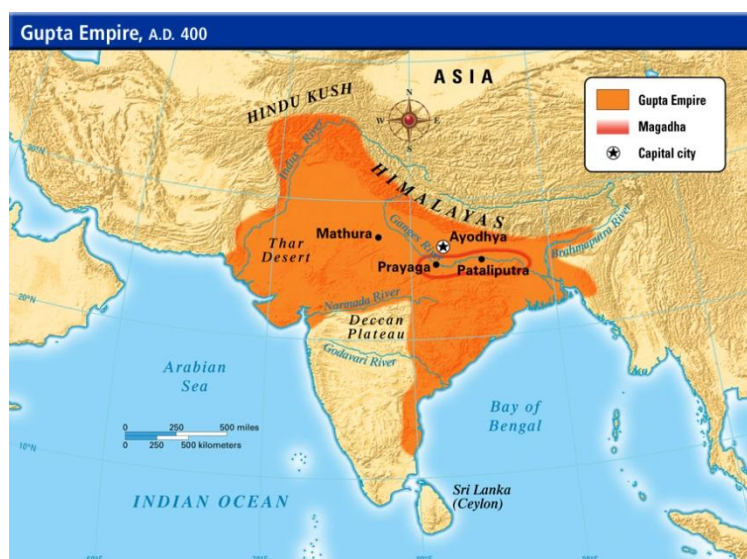


Figura 3: O domínio do império gupta por volta de 400 d.C.

Quem bem relata esse período de esplendor na Índia, como já informamos na introdução desse trabalho é o peregrino chinês Fa-hsien. Segundo Busweel, ele “foi um monge budista chinês que viajou a pé todo o caminho da China para a Índia, visitando vários locais sagrados ligados a sua filosofia, no que são agora Xinjiang , Paquistão, , Nepal , Bangladesh e Sri Lanka, entre 399 d.C. e 412d.C. para adquirir escrituras sagradas do budismo” (BUSWEEL, 2014, p. 297).

Fa-hsien visitou a Índia entre 401 d.C. e 410 d.C. Ele disse ter viajado a partir da China através do deserto gelado e passagens de montanha acidentada. Ele entrou na Índia a partir do noroeste e atingiu Pataliputra. “A visita de Faxian à Índia ocorreu durante o reinado de Chandragupta II. Ele também é conhecido pela sua peregrinação a Lumbini. Faxian alegou que demônios e dragões eram os habitantes originais do Ceilão, atual Sri Lanka” (BUSWEEL, 2014, p. 297).

Em seus escritos, Fa-hsien relata o período de ouro indiano, a prosperidade e a paz que reinava no império gupta, devido a estabilidade política e a ação dos shreni, agrupamentos de oficiais separados em quatro linhas: aprendizes, estudantes, especialistas e mestres, que tinham ampla autonomia, principalmente os banqueiros, artesãos e comerciantes.

Os funcionários reais recebiam um salário fixo e não eram recompensados com doações de terras, como acontecia antes. Chandragupta II promoveu a cunhagem oficial de moedas de prata em todo o império, enquanto em âmbito local se manteve o uso de moedas de cobre e de conchas. Os camponeses tinham liberdade para mover-se, não estavam vinculados à terra e à sementeira, e suas condições de vida não eram demasiado duras, apesar da obrigação de entregar um quarto da colheita ao Estado e do acréscimo das taxas impostas à água de irrigação, ao gado, aos frutos e a outros bens. O sistema de castas estava plenamente consolidado e reservava aos intocáveis um tratamento discriminatório. A coroa efetuava doações a todas as congregações religiosas, em forma de capital em ouro aos mosteiros budistas, para que pudessem viver dos juros obtidos, de modo que os mosteiros acabaram desempenhando a função de bancos, vinculando-se cada vez mais à burguesia urbana, enquanto se destinavam para os brâmanes terras ou rendimentos de povoações inteiras, como atestam os registros sobre chapas de cobre, encontrados em grande número, fazendo assim

com que os membros desta casta contribuíssem para obras de beneficência e para a difusão da agricultura (ALBANESE, 2006, p.36,38).

Segundo Raychaudhuri, o reinado gupta é marcado por seu estilo muito influente da arte indiana, da cultura, da literatura e da ciência, destacadamente durante o reinado de Chandra Gupta II. Algumas primorosas obras de arte hindu, como os painéis do templo Dashavatara em Deogarh bem demonstram a magnificência da arte desse período. Nessa fase, os guptas apoiaram prosperamente as tradições jainistas e budistas. Em especial a arte budista se tornou influente na maior parte do sudeste e leste da Ásia.

Conforme Raghu Vamsa, o reinado de Chandragupta foi ainda mais importante pelo fato de ter sido agraciado com a Navaratna (nove joias), um grupo de nove artistas que se destacou nas artes literárias. Em alta posição estava Kalidasa, cujas obras estão em destaque entre as de muitos outros gênios literários, não só em seu tempo, mas também nos séculos vindouros. Kalidasa foi particularmente conhecido por seu bom aproveitamento do shringara (elemento romântico) em seus versos.



Figura 4: As moedas de ouro de Chandragupta II



Figura 5: Moeda de prata de Chandragupta II, cunhadas em seus territórios ocidentais. Frente: Busto do rei. Verso: Legenda em Brahmi, "Chandragupta Vikramaditya, Rei dos Reis, e um devoto de Vishnu", em torno de um pavão. 15 milímetros, 2,1 gramas.

Fa-hsien no caminho de volta para China, segundo Churchill enfrentou “uma violenta tempestade no navio que ele estava, próximo ao Ceilão para uma ilha, provavelmente Java . Depois de cinco meses lá, Fa-hsien tomou outro navio para o sul da China. Ele desembarcou em Laoshan (hoje Shandong) península ao norte da China, a 30 km a leste da cidade de Qingdao” (CHURCHILL, 1867, p.506).

O notável peregrino chinês escreveu um livro sobre suas viagens, repleta de descrições sobre o Budismo, a geografia e a história de vários países ao longo da Rota da Seda, na virada do século V d.C. Sua jornada é descrita em seu importante diário de viagem, onde traduzimos livremente para o português como registros dos reinos budistas.

Chandragupta II reinou até o ano de 414 d.C. O seu sucessor Kumaragupta, o quarto soberano do império gupta, soube manter e expandir a florescência artístico-cultural, a tolerância religiosa e a diplomacia com outras reinos durante o seu governo. O seu reinado durou até o ano 467 d.C.



Figura 6: Moeda de prata do rei Gupta Kumaragupta (414-455 d.C.) Provinda de seus territórios ocidentais. Frente: Busto do rei. Verso: Garuda em pé de frente com as asas abertas.

Avanços técnicos e científicos

No período dos guptas na Índia, um setor do conhecimento se destacava a astronomia, que era bastante difundida através dos sacerdotes brâmanes que a utilizavam para observar as influências dos astros no cotidiano da sociedade. Essa astronomia indiana, também sofreu influências greco-romanas por conta dos intercâmbios comerciais com outras culturas. Segundo Destefani essa ciência estava em sintonia também com a matemática. “Muito ligada à astronomia no que diz respeito ao cálculo relacionado com

a investigação dos astros e dos movimentos celestes e à previsão de eclipses, embora também protagonista de um desenvolvimento autônomo, estava a matemática, âmbito privilegiado desde sempre no qual o pensamento indiano alcançou sucessos notáveis e inovadores” (DESTEFANI, 2007, p.54).

Outra área de notável avanço era o da medicina, onde está descrito no Sushruta Samhita, obra do medico indiano Suoeruta em conjunto com Caraka e Vâgbhata, Apesar de naquele período serem os brâmanes que cuidavam da saúde das pessoas, na Índia gupta e até hoje, a população procura os seus préstimos, também nesse sentido de restaurar a saúde. Sem terem o conhecimento apropriado de anatomia humana, eles realizavam diagnósticos e “cirurgias” como por exemplo, a rinoplastia, principalmente nas mulheres adúlteras que eram punidas com o corte do nariz, conforme está relatado na obra citada. Como medicamentos e anestésicos utilizavam-se plantas medicinais como a beladona e o cânhamo indiano. Prescrevia-se a abstinência do álcool, a alimentação vegetariana e a limpeza pessoal. Destefani relata avanços também em outras áreas. “A técnica, junto às aplicações hidráulicas, canais, poços, e cisternas orientadas para favorecer nos vales fluviais o cultivo do arroz. No setor do artesanato têxtil se contrastava os instrumentos rudimentares com a alta qualidade dos resultados” (DESTEFANI, 2007, p. 55).

Conforme Koshy, “os estudiosos deste período incluem Varahamihira e Aryabhata , que acredita-se ser o primeiro a determinar o conceito de zero, e estudou eclipses solares e lunares” (KOSHY, 2007, p. 567) .

Acredita-se que o jogo de xadrez, segundo Murray, também se originou nesse período, onde sua forma no início era conhecido como chaturaṅga, que se traduz como "quatro divisões, inspirada nos militares, infantaria , cavalaria , elefantes e rei, representado pelas peças que evoluíram para o moderno peão, cavalo, torre e bispo,

respectivamente.

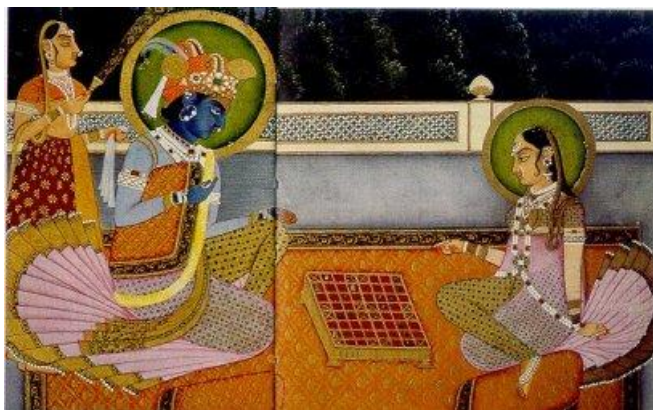


Figura 7: Imagem de Krishna e Radha jogando chaturanga.

Dessa forma verificamos através de nossa pesquisa, que a ciência em diversos aspectos, estava em pleno desenvolvimento nesse período gupta.

A arte-sacra indiana na dinastia Gupta

Na Índia antiga como também em grande percentual na modernidade, é complicado dissociar o sagrado da vida secular. Dessa forma a arte é considerada sagrada e é utilizada para expressar o divino e exalta-lo, de maneira que ela serve a guisa de intermediária entre o homem e a divindade ou algo transcendente, como no caso do Budismo. A arte desse período é bastante influenciada pelo Hinduísmo, Jainismo, mas em especial pelo Budismo que já estava estabelecido além das fronteiras indianas e continuava em larga expansão. Segundo Redyson “o Budismo é uma religião não-teísta, isto é, não há um deus que dirige o universo e está configurado numa série de convenções e ensinamentos baseados nas mensagens de Siddharta Gautama, o Buda, que nasceu por volta de 622 a.C. em Kapilavastu, na Índia” (REDYSON, 2012, p.91).

O apogeu da arte-sacra indiana no período gupta atingiu o seu ápice no século V, com o teatro, poesia, música, pintura e escultura.

Poeta elegantíssimo, Kalidasa é considerado um dos máximos expoentes do estilo Kavya, autor de poemas líricos e épicos assim como obras para o teatro; suas obras primas são o poema lírico Meghaduta, A nuvem mensageira e o drama Shakuntala, lenda de amor e vicissitudes fabulosas e alternas, de final feliz, extraída da tradição poético-narrativa nacional e desenrolada com intenso encanto lírico. Durante o período gupta registraram seu máximo desenvolvimento as artes figurativas: santuários, palácios e templos foram enriquecidos com decorações escultóricas e pictóricas, e se assistiu, acima de tudo, ao desenvolvimento de uma linguagem formal unitária, na qual convergiram os diferentes estilos regionais. O artista indiano esteve desde as origens inseridas numa tradição iconográfica que tendia a fixar de forma definitiva as regras de representação e a deixar pouco espaço para as variantes introduzidas pelos artistas individuais. Nestes séculos a arte pareceu acentuar seu interesse pela figura humana, com

realizações tendentes à idealização, carregadas de simbolismos e afastadas do mero realismo ou da mimese. (Bardi, 2007, p.86).

Nesse período a escola de arte escultórica que mais se destacou foi a de mathura, onde foram produzidas belas obras com temas budistas e hinduístas. As esculturas e pinturas realizadas nas cavernas de Ajanta, Ellora, e Elefanta também são de fino primor.



A seguir iremos apresentar algumas imagens das mesmas.



Figura 11: BODHISATTVA Padmapani. Ajanta.



Figura 12: Rei Mahâjanaka. Passeio fora do palácio.



Figura 13: Touro. Pintura mural na caverna Bagh.



Figura 14: O Templo Dashavatara ou templo de em Deogarh, Uttar Pradesh.



Figura 15: Quadro de entrada do Templo Dashavatara.

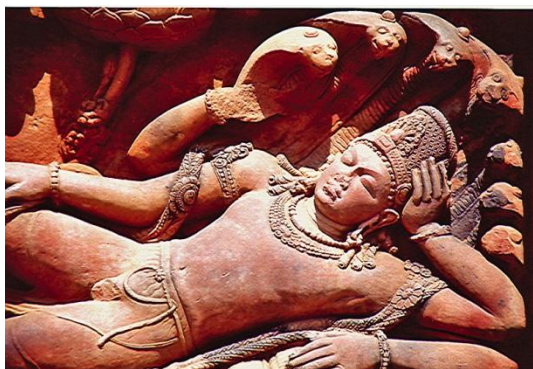


Figura 15: Vishnu reclinado sobre a serpente Shesha. Templo Dashavatara.



Figura 16: Vishnu

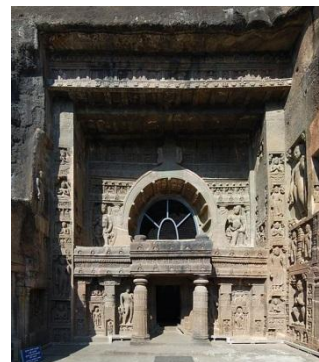


Figura 17: A entrada da caverna 19 em Ajanta.

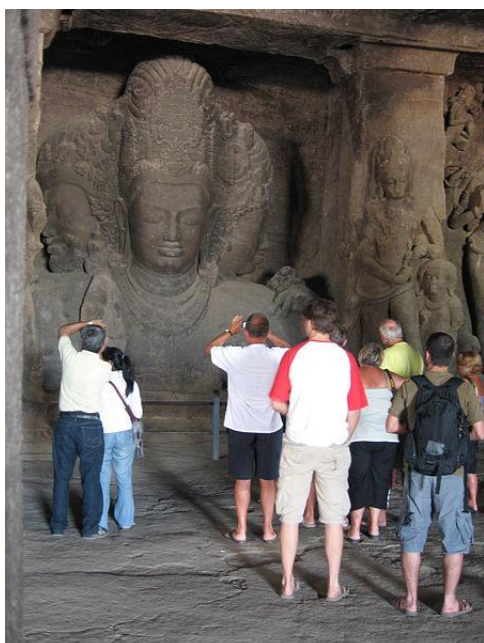


Figura 18: O Colossal trimurti na caverna Elefanta.



Figura: 19 Shiva Ekamukhalinga.

A arte gupta também sofreu influência da dinastia amaravati. Conforme Bardi, “outro componente do panorama artístico da época é representado pela escultura da Índia meridional, condicionada pela divisão política em dinastias após a queda do império de Satavahana, impregnada, além de motivos gupta, de influências do anterior estilo de amaravati, com suas formas alargadas e o modelado suave e delicado” (BARDI, 2007, p. 87).

CONCLUSÃO

É importante notarmos que o período gupta, foi de grande esplendor não apenas para a Índia, mas também para o mundo, deixando para a posteridade exemplares de rara beleza, através da arte escultórica, o teatro, a poesia as pinturas e também a sua história fascinante. Em nosso trabalho apresentamos apenas alguns aspectos dessa dinastia, mas a muito mais a ser estudado. Esperamos que a nossa pesquisa sirva para chamar a atenção dos leitores, não apenas para a arte-sacra indiana, mas para os vários aspectos da rica história e tradição desse país.

REFERÊNCIAS

- AGARWAL, Ashvini. *Rise and Fall of the Guptas imperial*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1989.
- ALBANESE, Marilia. *Índia Antiga*. Barcelona: Folio, 2006.
- ALTEKAR, Anant Sadashiv Altekar. *The coinage of the Gupta empire and its imitations*. Varanasi: Numismatic Society of India, 1957.
- AUBOYER, Jeannine. *Historia ilustrada de las formas artísticas: Asia. Vol. 9*. Madri: Alianza, 1986.
- BAJPAI, K. D. *Indian Numismatic Studies*. New Delhi: Abhinav Publications, 2004.
- BARDI, Amilcare. Destefani, Fabio. Massoni, Francesco. *Alta Idade Média*. Barcelona: Folio: 2007.
- BOESHE, Roger. *The First Great Political Realist: Kautilya and his Arthashastra*. Lanham: Lexington Books, 2002.

BRANNIGAN, Michael C. Brannigan. *Striking a Balance: A Primer in Traditional Asian Values*. Lanham: Lexington Books, 2010.

BUSWELL, Robert E. *The Princeton Dictionary of Buddhism*. Princeton: Princeton University Press, 2014.

CHURCHILL, Jhon. *The Medical Times and Gazette, Vol. 1*. London: Michigan University Press, 1867.

DE LORENZO, Giuseppe. *India e Buddismo antico*, Roma: Laterza, 1981.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*, V I. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KI, Si-Yu. *Buddhist Records of the Western World*. Delhi: Oriental Books Reprint Corporation. 1969.

KHOSHLY, Thomas. *Elementary Number Theory with Applications*. San Diego: Academic Press Elsevier, 2007.

KULKE, Hermann. ROTHERMUND, Dietmar. *Storia dell'India*. Milão: Garzanti, 1991.

MURRAY, Harold. *A History of Chess*. New York: Skyhorse Publishing, 2012.

NEHRA, Air Marshal R. K. *Hinduism and Its Military Ethos*. New Delhi: Lancer Publishers & Distributors, 2013.

REDYSON, Deyve. *Shopenhauer e o Budismo: A impermanência, a insatisfatoriedade e a insubstancialidade da existência*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.

RONGXI, Li. DALIA, Albert A. *The Lives of Great Monks and Nuns*. Berkeley: Numata Center for Translation and Research, 2002.

SHARMA, Ram Sharan. *Early Medieval Indian Society: A Study in Feudalisation*. Delhi: Orient Longman Publishers, 2003.

SMITH, Vincent A. *The Early History of India*. New Delhi, 1999.

WEERAWARDANE, Prasani. *Journey to the West: Dusty Roads, Stormy Seas and Transcendence*. Singapore: National Library, 2009.